

UMA CONVERSA COM O ESCRITOR CONTARDO CALLIGARIS

Denise Amon - UFRGS

RESUMO

Este trabalho é o relato comentado de uma conversa realizada com Contardo Calligaris, em torno da sua experiência como autor de textos "não científicos" e, em particular, da produção do texto *Fragmentos de "Fragmentos de um discurso amoroso"*. O enfoque maior foi dado ao modo de fabricação desse texto e à produção do estilo - que em muito se assemelha ao de R. Barthes.

INTRODUÇÃO

Mais conhecido em Porto Alegre como psicanalista e presidente da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA), Contardo Calligaris é também um escritor. A sua produção não se resume a "livros científicos"¹. Recentemente, ele publicou *Hello Brasil! Notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil* - um livro de relatos e reflexões sobre o cotidiano. No passado, publicou, entre outras coisas, textos de crítica literária e crítica estética, uma monografia sobre Ítalo Calvino, artigos em jornais e foi também tradutor de policiais do inglês e do americano para o italiano. Ele tem, ainda, alguns textos de ficção não publicados.

Este trabalho é o relato, acrescido de alguns comentários, de uma conversa com Contardo Calligaris realizada em torno da sua experiência como escritor de textos "não científicos"² e, mais especificamente, como escritor de um texto particular: texto que foi tornado público verbalmente (uma palestra), mas que teve, necessariamente, que ser escrito.

1 Algumas de suas publicações sobre psicanálise lançadas no Brasil são: *Hipótese sobre o fantasma* e *Introdução a uma clínica diferencial das psicoses*. Recentemente lançou, com Jurandir Freire Costa, Luiz Tarlei de Aragão e Octávio Souza um livro de ensaios, intitulado *O sexto lobo - clínica do social*.

2 Contardo questiona o estatuto "científico" dos escritos de psicanálise e, principalmente, dos casos como clínicos, que poderiam perfeitamente ser lidos como romances modernos. Para ele, certamente este tipo de escrito se diferencia de uma produção científica tradicional. Afinal, Freud não ganhou um prêmio Goethe?

O meu contato com este texto de Contardo se deu quando assisti a sua conferência no curso "O amor na literatura", promovido pelo Centro Municipal de Cultura de Porto Alegre. Aquele 10º encontro seria dedicado a Roland Barthes e Contardo falaria sobre "Fragmentos de um discurso amoroso": o amor na psicanálise, ou, como ele preferiu intitular seu texto, Fragmentos de "Fragmentos de um discurso amoroso".

Naquele dia, a habilidade literária de Contardo se fez sentir de forma encantadora e, sob o impacto desta sua produção textual, decidi entrevistá-lo para saber como havia se dado a produtividade do texto.³

Entrevista talvez não seja propriamente o termo; é melhor situar o encontro como uma conversa mesmo. Explico-me: apesar de haver um roteiro de questões e um gravador mediando a relação e caracterizando o tempo como uma entrevista, optei por não seguir o papel. Sentada quase confortavelmente - em função de um certo nervosismo - em uma poltrona, larguei meu guia de questões sobre uma mesa e não voltei mais a ele; Contardo falava e antecipava algumas de minhas perguntas, discorria e moldava outras: ele mesmo me conduziu por fragmentos de sua experiência de escritor.

Em se tratando de alguém que escreve no estilo de Roland Barthes isto não é inusual. Se a nossa conversa estava sujeita a uma forma, esta seguramente não era unitária, mas marcada por afastamentos das questões-guia, somente para voltar a elas mais tarde, sob uma perspectiva adjacente. O roteiro era, então, desnecessário.

Alguns dos temas da conversa foram o modo de fabricação do seu texto; a produção do estilo, ou seja, o modo do texto; a forma como se deu seu aprendizado em Barthes. (Claro está, para quem assistiu à leitura daquele texto e para quem leu *Hello Brasil!*, que Contardo escreve no estilo de Roland Barthes - ou pelo menos referenciado nele.)

SOBRE O MÉTODO DE EXPOSIÇÃO

Os fatos, comentários e reflexões de Contardo foram referidos literalmente, ou quase. Eles aparecem com comentários meus intercalados no próprio texto da sua fala. Os asteriscos que interrompem o texto da fala de Contardo marcam um fragmento que será comentado no parágrafo seguinte ou que já é, no seu próprio texto, um comentário meu. Os asteriscos também indicam conceitos referidos pelo autor que serão, logo a seguir, trabalhados.

³ O nosso encontro se deu no dia 09 de maio de 1991.

O leitor pode escolher suspender temporariamente a leitura de uma frase interrompida por um asterisco e ir em busca do comentário correspondente, ou optar por seguir a seqüência das frases na página.

A CONVERSA PROPRIAMENTE DITA

Contardo tem uma vasta produção textual, marcada pela sua formação humanística literária. Inicialmente, seus escritos eram de crítica literária sociológica de influência marxista - nessa época, leituras de Lucien Goldman e Lukács - e piagetiana. Mas a sua passagem por uma série de textos - seus escritos sobre as artes plásticas, as ficções, as traduções de policiais, os artigos jornalísticos - demarcam uma mudança de rumo e uma forma de escrever que em muito se diferencia da anterior.

Contardo localiza a sua referência estilística atual na confluência de alguns campos* que não parecem influenciá-lo propriamente como campos de conhecimento, mas, antes, como campos associativos*: a formação humanística literária, o encontro com a psicanálise e com a cultura francesa, particularmente, e o estudo com Roland Barthes. Ele busca um tipo de escrita despida de qualquer pretensão positivista e que se encontra, segundo ele, numa zona intermediária que Barthes conceitualizou como a ** *escrivância* **.

* Campos associativos que se constituem como áreas mais ou menos delimitadas de referência; citações não literais, mas textuais; como que colocando o autor numa perspectiva a partir da qual os textos são possíveis. Note-se que a perspectiva não é uma origem: não se trata de reproduzir, nem de transportar as mensagens aprendidas nestes campos de conhecimento para um escrito, e tampouco se trata de voltar a elas, mas de produzir no leitor um efeito que só é viável a partir e na dimensão deste mesmo campo ao qual o texto refere.

** *Escrivância*: é um conceito que, em Barthes, remete à noção de texto (aberto, plural em sua significação e que "propõe" ao leitor uma atividade de produtividade de um outro texto), em oposição à noção de obra (fechada em um significado evidente ou enigmático e que demanda uma atividade de deciframento do sentido). A *escrivância* situa-se nesta zona intermediária na qual um sentido é capturado para logo depois ceder lugar a uma dispersão e à colocação de um outro sentido. É neste movimento mesmo dos significados que passam pelo texto que a *escrivância* se constitui, abrindo mão do estabelecimento de uma relação (com o leitor) de consumo de sentido e dando espaço para que o leitor se transforme também num autor do texto. (Barthes, 1981b, 1988a, 1989; Hawkes, 1977). Um material, como *escrivância*, pela sua

própria forma, priva o leitor da capacidade retórica de reproduzir o sentido escrito, porque não convoca ao conhecimento da realidade dos eventos que a linguagem veicula. A escrivência provoca, antes, um efeito: efeito que está associado ao gozo (em Barthes, referindo-se à perda da identidade cultural, à perda de um estado de ego homogeneizado culturalmente; à disseminação do sujeito "ego-cogito"). E esse efeito é precisamente o que possibilita ao leitor experimentar o texto numa atividade de produção de um outro texto. (Barthes, 1988a 1989)

- O -

Em 01 de dezembro de 1990, Contardo termina a leitura pública de seu texto escrito *Fragmentos de "Fragmentos de um discurso amoroso"* da seguinte forma:

"... no que me concerne é uma exceção, mas é uma exceção porque não tenho o costume de escrever o que eu falo; mas é uma exceção necessária, no caso: em se tratando de algo sobre os Fragmentos de um discurso amoroso, para mim era impossível não escrever isso..."

- O -

"Mas isso é uma novidade", diz Contardo, ao reconhecer-se mais barthesiano do que imaginava. *Hello Brasil!* e *Fragmentos de "Fragmentos de um discurso amoroso"* foram construídos no estilo dos escritos de Barthes: o primeiro, a partir de fichas, de pedaços da vida cotidiana misturados com comentários (ao modo de *Mitologias*); o segundo, na tentativa mesma de fabricar um texto na forma dos *Fragmentos...* Contardo reconhece em Barthes uma referência importante na sua escrita; seu ideal literário estilístico é barthesiano. Contudo, ele faz notar que Barthes não conseguiu constituir socialmente uma escola, na época. Seus alunos lançaram-se em aventuras outras que não a do mestre e talvez só agora, na maturidade de alguns daqueles intelectuais, os efeitos dos seminários de Barthes se façam sentir.

- O -

Contardo explicitou a forma do seu texto no curso sobre "O amor na literatura". Palavras dele, naquele dia:

"... em se tratando de um texto de Roland Barthes, deste texto particular que é os Fragmentos de um discurso amoroso, eu decidi não falar sobre o livro, mas falar no livro, ou seja, acrescentar ao livro, mesmo ao risco de produzir uma certa forma de pastiche, acrescentar ao livro algumas fichas pensadas no mesmo estilo, pelo menos num pastiche do estilo."

Tendo em mente o funcionamento do texto de Barthes, Contardo projetou um texto com funcionamento conforme.***

*** Aquilo que o autor chamou de um pastiche do estilo, ou o funcionamento conforme, não é uma cópia. Não há a autoridade de um original sobre uma reprodução. É a textualidade se manifestando numa produtividade e de fato poderíamos chamar de intertextualidade. Algo quase como se um texto tivesse escrito o outro, ou seja, se pudéssemos imaginar que o *Fragmentos de um discurso amoroso* sentou-se à máquina e escreveu *Fragmentos de "Fragmentos de um discurso amoroso"*... A atividade, então, não se constitui como um soma de fichas, mas como uma devolução do *Fragmentos de um discurso amoroso* à sua própria textualidade: o estabelecimento do texto como Texto, único lugar ao qual ele pode retornar: à literatura. Não escrever sobre o livro, mas no livro, é realizar uma ** escrivência **. Na intertextualidade, um texto ecoa outros textos. Como diz Barthes, de uma forma que é "not an 'authority', simply a circular memory". (1989:36)

Contardo menciona que aquele (*Fragmentos...*) é um texto sobre o qual é impossível escrever, só é possível continuar. Ele cita Lévi-Strauss e explica-se: tudo que pode ser escrito sobre o mito é somente uma versão a mais do mesmo mito, participa da mesma mitologia. Nesse sentido, o Édipo de Freud não é uma leitura de Sófocles, mas é o mito que continua numa versão diferente, de modo que as versões vão se acumulando. E, assim, Contardo estende esse comentário à crítica literária em geral e, mais ainda, a qualquer texto. Para Contardo estende esse comentário à crítica literária em geral e, mais ainda, a qualquer texto. Para Contardo, **** o valor de uma produção não reside na sua verdade relativamente a uma adequação, mas nos efeitos que produz *** e, deste ponto de vista, considera que um romance não é muito diferente de um escrito psicanalítico, de um escrito de crítica, ou de um ensaio.

**** O efeito ao qual o autor faz referência é, certamente, a ** escrivência **. E Barthes explica:

"Why is the writerly our value? Because the goal of literary work (of literature as work) is to make the reader no longer a consumer, but a producer of the text." (1988c:4)

- O -

Concretamente, Contardo produz seus textos - assim como Barthes, embora de forma menos metódica - a partir de fichas: fichas, pedaços de papel com comentários ou referências literárias, enfim, pequenos escritos que são colocados em pastas diversas, de acordo com o conteúdo. As pastas recebem nomes estranhos, tais como "Animais", "A múmia", ou "A alma das mulheres" e constituem verdadeiros intercâmbios teóricos.*****

***** Concretamente, as pastas são cheias de sentidos fragmentados, pedaços de comentários reunidos num mesmo * campo associativo *, a partir e no interior da qual um sentido será possível.

Para Contardo, o momento de escrever propriamente implica num mergulho nas pastas. Pensamentos acumulados, frases acumuladas e, por fim, palavras acumuladas amadurecem e o texto é produzido num ato quase contínuo. Geralmente uma contingência precipita o texto: uma conferência, um livro. Nestes escritos, algumas pastas são utilizadas, outras ficam aguardando uma próxima produção. Algumas são ainda jogadas fora, porque não fazem mais sentido.

Contardo se pergunta o que foi feito dos fichários de Barthes após a sua morte. Comenta que passado um tempo, ele mesmo (Contardo) não lembra mais o sentido das coisas que anotou e colocou numa determinada pasta. Não tendo o projeto na cabeça, e mesmo tendo, às vezes é difícil compreender o uso possível do material.

O reconhecimento da importância de Roland Barthes para Contardo se dá na sua própria prática textual.

Quanto ao interlocutor de *Fragments de "Fragments de um discurso amoroso"*, Contardo diz: "Ah, ele foi escrito para Barthes, sem dúvida. Sim, sem dúvida." *****

***** Uma ** escrivência ** é sempre o reconhecimento de uma referência, é sempre uma citação sem aspas. É o estabelecimento de uma relação entre autores que não se anunciam na sua fisicalidade, nem na sua subjetividade - uma relação que se trava no plano discursivo, como prática enunciativa.

Tendo estudo com Barthes por ocasião do seu doutoramento, na França, Contardo acabou diplomando-se com uma tese em psicopatologia clínica. Barthes morrera antes que Contardo pudesse ter defendido sua tese com estudos. Época da adesão à psicanálise e dos escritos, "científicos".

Para Contardo, o contato com a psicanálise possibilitou, com um efeito a posteriori, ser mais barthesiano do que na época em que estudava com ele. Porque, para o autor, o ato de escrever envolve um processo de exílio, o qual, por sua vez, implica que haja um lugar no qual este seja possível. Tendo a psicanálise como o lugar a partir do qual o estilo literário barthesiano se coloca como uma possibilidade, Contardo menciona que a "produção psicanalítica tem uma certa tendência a construir a própria tumba": uma tendência a tentar solidificar o que já foi dito, a reduzir o já-dito a uma forma de doutrina, na tentativa de produzir uma forma de reconhecimento. E a inventividade fica ausente. A escrita psicanalítica (reprodutiva) propriamente é, então, o lugar do qual Contardo se exila quando produz um texto como *Fragments de "Fragments de um discurso amoroso"*, ou como o mais recente *Hello Brasil!*. A escrita de Barthes só foi possível porque Barthes uma vez aderiu à semiologia, e porque Barthes desertou. É preciso ter sido qualquer coisa, diz Contardo: lingüista, lacaniano, freudiano, marxista, hegeliano, mas é preciso ter sido alguma coisa, ter estado em algum lugar, para desertar *****. E o exílio que Contardo propõe não é o exílio da psicanálise, mas dos escritos psicanalíticos reprodutivos.

***** É preciso ter constituído efetivamente um * campo *, para que as associações - de sentido, de produções - sejam possíveis, sem que a superficialidade tome conta. Uma coisa é a dispersão de sentidos dentro de um campo, dentro de um referencial, ou em oposição ou diferenciamento a ele. Outra bem diferente é a ausência desse campo. Barthes costumava escrever que num texto, "off-stage, voices can be heard" (1988c:21). É preciso ter estado em algum lugar, ter sido lingüista, ou marxista, não importa, para que se consiga escutar as referências num texto e, mais ainda, para que se consiga reconhecer a *** intertextualidade *** na própria produção.

Numa conversa ao telefone, Contardo me diz: "Eu estou um pouco cansado de escrever livros de psicanálise."

Referências Bibliográficas

- BARTHES, R. (1981a). *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- BARTHES, R. (1981b). Theory of the text. In Robert Young (Ed.), *Untying the text: a post structuralist reader* (pp. 31 - 47). London and New York: Routledge & Kegan Paul.
- BARTHES, R. (1988a). From work to text. In -, *Image, music, text* (pp. 155 - 164). New York: The Noonday Press.
- BARTHES, R. (1988b). *Mythologies*. New York: The Noonday Press.
- BARTHES, R. (1988c). *S/Z*. New York: The Noonday Press.
- BARTHES, R. (1989). *The pleasure of the text*. New York: The Noonday Press.
- CALLIGARIS, C. (1990, Dezembro). *Fragmentos de "Fragmentos de um discurso amoroso"*. Trabalho apresentado no curso "O amor na literatura", Porto Alegre, RS. Manuscrito submetido para publicação.
- CALLIGARIS, C. (1991). *Hello Brasil! Notas de um psicanalista europeu viajando no Brasil*. São Paulo: Escuta.
- HAWKES, T. (1977). *Structuralism and semiotics*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press.